

## OS DESAFIOS NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE ALUNOS SURDOS

Gécica Coelho do Nascimento Oliveira<sup>1</sup>

Jocilene Alves Barbosa<sup>2</sup>

Diana Sampaio Braga<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo é fruto de uma experiência vivenciada em uma escola pública da rede municipal de ensino de Juazeiro do Norte- CE, utilizando como ponto de partida a inclusão do aluno surdo dentro da sala de aula regular. O processo de inclusão escolar para o aluno surdo, é viabilizado quando se tem um ambiente acessível à sua comunicação, por meio do Intérprete de Língua de Sinais, recursos visuais e até mesmo com as tecnologias. Essas ferramentas auxiliam no seu processo de ensino/aprendizagem, no desenvolvimento de suas competências e socialização. Assim, a escola precisa oferecer subsídios para que o mesmo se desenvolva, compartilhe interações sociais salutaras e sobretudo aprenda. Quanto a metodologia, utilizamos a abordagem qualitativa, foi realizada uma revisão bibliográfica, tendo como fundamento teórico, os seguintes autores: Acorsi (2010); Ferrão e Lobato (2016); Gesser (2011); Karnopp (2013); Machado (2008); Mussi, Flores, Almeida (2021) e Quadros (2006). Com a finalidade de compreender os aspectos vinculados ao processo de inclusão escolar do estudante surdo, trazendo discussões mais aprofundadas sobre a temática para articulá-las com os dados identificados no relato de experiência que teve como base os momentos vivenciados para a construção de sentidos na aprendizagem do aluno surdo. A pesquisa se desenvolveu em uma escola pública do município de Juazeiro do Norte-CE. Depreende-se de que a inclusão do aluno surdo no espaço escolar é de suma importância para o seu desenvolvimento, além de que é seu direito ter acesso à educação, e apesar de ainda haver muitos desafios, esse direito deve ser cumprido. Outro fator importante para a inclusão desse aluno, é a presença do professor de Libras, que facilita a aquisição da língua de sinais e do português escrito. E ajuda a promover um espaço para o ensino de Libras direcionado aos colegas da turma, gerando socialização entre surdos e ouvintes.

**Palavras-chave:** Aluno Surdo, Educação, Inclusão.

### INTRODUÇÃO

A educação de surdos no Brasil e no mundo, passou por muitos percalços para que os mesmos tivessem acesso a uma educação de qualidade e ao direito linguístico. O processo de inclusão do aluno surdo, também é um avanço para o seu desenvolvimento e socialização. A educação inclusiva traz para dentro da escola a possibilidade de rever as práticas educativas

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva - PROFEI - Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [gecicast@yahoo.com.br](mailto:gecicast@yahoo.com.br);

<sup>2</sup> Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva - PROFEI - Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [alvesjocilene2020@gmail.com](mailto:alvesjocilene2020@gmail.com);

<sup>3</sup> Professora Orientadora: Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB-PB, [diana@servidor.uepb.edu.br](mailto:diana@servidor.uepb.edu.br).

tradicionais, para acolher e incluir a todos, bem como trazer a oportunidade dos estudantes conviver com a diversidade.

Mas, o que seria uma educação inclusiva de fato, dentro da escola? Seria um currículo que abrangesse a diversidade, trazendo diferentes estratégias e metodologias, levando em consideração as especificidades de cada aluno. Pois, cada estudante aprende de uma forma e uma didática acessível com várias possibilidades, favorecerá a aprendizagem.

Para o aluno surdo, o processo de inclusão escolar é viabilizado quando se tem um ambiente acessível à sua comunicação, por meio do Intérprete de Língua de Sinais, recursos visuais e até mesmo com as tecnologias. Essas ferramentas auxiliam no seu processo de ensino/aprendizagem, no desenvolvimento de suas competências e socialização. Assim, a escola precisa oferecer subsídios para que o mesmo se desenvolva, compartilhe interações sociais salutaras e sobretudo aprenda.

Os surdos são pessoas que vivenciam o mundo por meio de suas experiências visuais e que se identificam enquanto sujeito surdo. (Quadros, 2004). A cultura e identidade surda é inerente ao povo surdo, abrangendo um jeito de ser, sentir e de se expressar, um modo próprio de vivenciar o mundo, de entrar nas Artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda envolve a língua de sinais e a necessidade do intérprete. (Perlin; Miranda, 2003).

A Língua Brasileira de Sinais- Libras é reconhecida pela Lei 10.436/2002. (Brasil, 2002). Assim, ela é instrumento de mediação para melhor inserir esse aluno no âmbito escolar. Através da disseminação da Libras, seja no âmbito escolar ou na sociedade em geral, o surdo tem seu direito linguístico garantido e possibilidade de interação e socialização. Sendo, essencial essa comunicação entre surdos e ouvintes.

Diante de todo contexto acima, este artigo objetivou compartilhar as experiências vivenciadas em uma escola Pública do Município de Juazeiro do Norte-Ce. E teve como objetivos específicos: Identificar estratégias utilizadas em sala de aula para o ensino do aluno surdo; Refletir sobre a formação de professores para o processo inclusivo; e Perceber como a Libras auxilia no processo de ensino e aprendizado do surdo.

Quanto a metodologia, utilizamos a abordagem qualitativa, foi realizada uma revisão bibliográfica, tendo como fundamento teórico, os seguintes autores: Acorsi (2010); Ferrão e Lobato (2016); Gesser (2011); Karnopp (2013); Machado (2008); Mussi, Flores, Almeida (2021) e Quadros (2006). Com a finalidade de compreender os aspectos vinculados ao processo de inclusão escolar do estudante surdo, trazendo discussões mais aprofundadas sobre a temática para articulá-las com os dados identificados no relato de experiência que teve como base os

momentos vivenciados para a construção de sentidos na aprendizagem do aluno surdo. A pesquisa se desenvolveu em uma escola pública do município de Juazeiro do Norte-CE.

Pretende-se com o presente artigo, através de arcabouços teóricos compreender como ocorre o processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo, bem como as estratégias utilizadas pelo professor para inserir esse aluno no contexto escolar. Podendo analisar os desafios e as dificuldades existentes na educação dos alunos surdos.

Depreende-se de que a inclusão do aluno surdo no espaço escolar é de suma importância para o seu desenvolvimento, além de que é seu direito ter acesso à educação, e apesar de ainda haver muitos desafios, esse direito deve ser cumprido. Outro fator importante para a inclusão desse aluno, é a presença do professor de Libras, que facilita a aquisição da língua de sinais e do português escrito. E ajuda a promover um espaço para o ensino de Libras direcionado aos colegas da turma, gerando socialização entre surdos e ouvintes.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa se apresenta como relato de experiência, a partir de vivências realizadas em uma Escola de Ensino Fundamental do Município de Juazeiro do Norte-Ce. Mussi et al (2021, p. 6) traz uma breve definição do que é o relato de experiência:

(...) é um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica e/ou profissional em um dos pilares da formação universitária (ensino, pesquisa e extensão), cuja característica principal é a descrição da intervenção. Na construção do estudo é relevante conter embasamento científico e reflexão crítica.

O presente estudo tem abordagem qualitativa e foi realizada uma revisão bibliográfica, tendo como fundamento teórico, os seguintes autores: Acorsi (2010); Ferrão e Lobato (2016); Gesser (2011); Karnopp (2013); Machado (2008); Mussi, Flores, Almeida (2021) e Quadros (2006), bem como, a Lei 10. 436/2002 e o Decreto 5.626/05, com a finalidade de compreender os aspectos vinculados ao processo de inclusão escolar do estudante surdo. E trazer discussões mais aprofundadas sobre a temática para articulá-las com os dados identificados no relato de experiência que teve como base os momentos vivenciados para a construção de sentidos na aprendizagem do aluno surdo.

A pesquisa se caracteriza como descritiva, conforme Vergara (2000, p.47), “a pesquisa descritiva apresenta as características de determinada população ou fenômeno, estabelece

correlações entre variáveis e define sua natureza. ” Dessa forma, descreveremos sobre a experiência vivenciada na escola supracitada.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

A inclusão no contexto escolar, ainda enfrenta muitos desafios. Dentro da sala de aula regular, o professor precisa gerenciar diversas situações, como: salas de aulas superlotadas, carga-horária excessiva, execução de projetos, relatórios e diários para preencher, entre outras questões. Dentro desse contexto, como oferecer um ensino eficaz e inclusivo? Para tanto é necessário pensar em subsídios para favorecer um ambiente acolhedor para aprendizagem de todos, bem como formações e ferramentas necessárias para o professor. Com relação à um ambiente inclusivo Machado (2006, p.70), faz considerações importantes sobre essa questão:

A inclusão denuncia o esgotamento das práticas das salas de aula comuns, com base no modelo transmissivo do conhecimento, na espera pelo aluno ideal, na padronização dos resultados esperados pela avaliação classificatória, no currículo organizado de forma disciplinar e universal, na repetência, na evasão, nas turmas organizadas por série, enfim, em tantos outros elementos que compõem o universo das práticas escolares.

Assim, a educação inclusiva traz novos olhares para o processo educativo, exigindo novas práticas e novas metodologias para o processo de ensino/aprendizagem. Dessa forma, a proposta do ensino colaborativo surge como possibilidade de melhoria do ensino. Vilaronga e Mendes (2017, p.20) apontam o coensino como imprescindível para promover uma aprendizagem eficaz:

O coensino é uma das propostas de apoio na qual um professor comum e um professor especializado dividem a responsabilidade de planejar, instruir e avaliar o ensino dado a um grupo heterogêneo de estudantes. Na realidade brasileira, este apoio não seria substitutivo a outros apoios de direito do aluno, mas sim realizado de forma conjunta, se assim avaliado como benéfico.

Assim, os dois professores (da sala regular e do Atendimento Educacional Especializado-AEE) terão um papel formativo, a fim de sanar as dificuldades do aluno. Essa parceria entre os professores, favorece a aprendizagem dos alunos. Portanto, “o processo de colaboração envolve uma mudança histórica no contexto escolar, principalmente ao que se refere ao papel costumeiro do professor de educação especial na escola regular e a concepção do professor da sala comum sobre como deveria ocorrer o AEE. ” (Vilaronga; Mendes 2017, pág. 21).

No que se refere a inclusão do aluno surdo, ela acontece de forma mais eficaz com a presença do intérprete de Libras e a inserção da Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS. A Libras auxilia no processo de ensino/aprendizagem do aluno surdo, mas também é seu meio de resistência para lutar por seus direitos. Segundo Gesser, (2009, p.11) “Tornar visível a língua desvia a concepção da surdez como deficiência – vinculada às lacunas na cognição e no pensamento – para uma concepção da surdez como diferença linguística e cultural. ”

A Libras é um dos principais instrumentos de inclusão no que diz respeito ao aluno surdo, pois através dela, ele pode interagir melhor no ambiente escolar. A LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002 em seu artigo 1º traz uma pequena definição do que é Libras:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Desde modo, percebemos que a Libras é uma língua reconhecida por lei e é a forma de comunicação dos surdos brasileiros. Que possibilita ao surdo comunicar-se e desenvolver suas habilidades cognitivas, é também ferramenta de interação entre surdos e ouvintes. Por isso se faz necessário que a sociedade compreenda quem é o surdo e conheça sua cultura e sua língua.

A realidade nas escolas regulares, apontam-nos uma inserção do aluno surdo um pouco superficial. Pois, é necessário a presença do intérprete de Libras e que o professor tenha conhecimentos básicos da língua de sinais. Porém, as vezes o aluno é incluindo, mas não tem o suporte necessário a sua inclusão real.

A escola deve garantir o respeito a diferença linguística do aluno surdo, para garantir que o acesso à educação seja válido e que o mesmo tenha uma aprendizagem significativa. Nesse sentido, o desafio mais evidente para aluno surdo é o acesso a Libras e a falta de Intérprete de língua de Sinais, para traduzir o que o professor e os colegas dizem. A presença desse profissional contribui para que o aluno possa interagir com os colegas e com o professor, e garante a independência comunicativa desse aluno. Segundo Quadros (2006, p. 18).

O intérprete educacional é aquele que atua como profissional intérprete de língua de sinais na educação. O intérprete especialista, para atuar na área da educação, deverá intermediar relações entre os professores e os alunos, também colegas ouvintes com os surdos. Ser intérprete educacional vai além do ato interpretativo entre línguas.

Nem todas as escolas disponibilizam esse tipo de profissional, o que dificulta o desenvolvimento do aluno surdo, já que sem intérprete, ele tem que procurar outros meios para

entender a aula e se comunicar, o que pode ser difícil. O que se pode notar é que ainda falta muito preparo e conhecimentos sobre o estudante surdo e sua cultura.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A experiência vivenciada aconteceu em uma escola pública do Município de Juazeiro do Norte- CE. O município possui três tipos de profissionais para acompanhar, interpretar e ensinar Libras aos alunos surdos e da rede, que são eles: O professor de Libras, o Intérprete de língua de sinais e o instrutor de Libras (Surdo). Cada profissional com funções específicas: O professor de Libras o e instrutor tem como função: promover o aprendizado da Libras para o aluno surdo e o que optar pelo seu uso; promover a aprendizagem da Língua Portuguesa para alunos surdos, como segunda língua e aprofundar os estudos relativos a Língua Portuguesa, principalmente na modalidade escrita. O intérprete de Libras, tem como função esclarecer e apoiar os professores no que diz respeito a escrita dos surdos; traduzir todas as questões da avaliação do Português para Libras; redirecionar ao professor os questionamentos do aluno; estimular a relação direta entre aluno surdo e professor/ aluno surdo e colegas.

Na escola em que atuava, estava como professora de Libras e acompanhava uma estudante do 3º Ano do Ensino Fundamental I. Ela era Deficiente Auditiva (DA), usava aparelho e estava perdendo rapidamente o restante da audição. Conseguia oralizar, mas na pronúncia de algumas palavras apresentava mais dificuldade. A aluna tinha muita dificuldade nos conteúdos escolares e baixo rendimento escolar. A proposta era que ela aprendesse Libras, já que a mesma estava perdendo a audição muito rápido e que superasse as dificuldades do Português escrito.

Então comecei a acompanhar a aluna nas aulas regulares, ajudá-la na compreensão das atividades e identificar quais eram seus maiores desafios. Como a escola era de Tempo Integral, no contraturno, retirava ela da sala de aula para ensinar Libras. Começamos pelo básico: Alfabeto manual, números, vocabulário simples e gradativamente outros conteúdos. Também trabalhava a Libras e o Português escrito, utilizando uma apostila adaptada que enfatizava o Português e Libras. Para o restante da turma, era ministrado 2h/a de Libras durante a semana. Assim, todos os alunos iam aprendim Libras e podiam interagir melhor com essa aluna. Todos os alunos gostavam bastante desse momento e participavam muito das aulas e da realização das atividades.

Com relação ao professor regente de sala, não houve interlocução com o mesmo, foi apenas cedido o espaço de algumas aulas para inserir a aula de Libras. Já com profissional do AEE, obtivemos todo suporte necessário para as aulas, bem como: materiais, cedido o espaço da sala de recursos multifuncionais, organização do planejamento e ações para disseminar a Libras na escola. Esse apoio foi de extrema importância para a difusão da Libras no contexto escolar e compreensão sobre o aluno surdo e sua cultura.

No decorrer do ano, percebeu-se que a aluna já tinha desenvolvida muito sua comunicação em Libras e que as dificuldades nos conteúdos da sala regular tinha sido minimizados. A família começou a aceitar mais a comunicação em Libras, pois no início a mãe da aluna tinha resistência com essa forma de comunicação. E percebemos que essa aluna se sentia mais segura com o apoio da família.

Para a aluna foi importante aprender a Libras, bem como a aceitação da sua família, pois o aparelho incomodava muito e futuramente talvez ela precisasse usar mais a comunicação em Libras. Outro fator importante para a inclusão, além da presença do professor de Libras é o aprendizado dessa língua por toda a turma.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A difusão da língua de sinais dentro da escola, é imprescindível para a inclusão do aluno surdo e sua independência. O ensino da Libras deve abranger toda a comunidade escolar e assim haver uma inclusão real, pois o estudante surdo poderia ser comunicar com todos.

O conhecimento a respeito dessa língua, gera o respeito as diferenças e a cultura surda. O professor de Libras nesse contexto, é um mediador da aprendizagem, tanto para o aluno surdo, quanto para as demais alunos na escola. Além de promover o aprendizado da Libras e o aprendizado de Língua Portuguesa como segunda língua para o aluno surdo, ele pode promover o aprendizado da Libras no contexto escolar no geral. Dessa forma, o professor amplia a socialização do aluno surdo, pois ele poderá se comunicar com seus colegas.

A educação inclusiva é eficaz, quando é respeitada a singularidades dos estudantes. E no caso do aluno surdo, o respeito começa pela aceitação da sua língua. Na experiência vivenciada na escola no Município de Juazeiro do Norte-Ce, percebeu como foi importante da presença do professor de Libras, tanto para a escola, mas principalmente para a aluna se desenvolver em sua língua.

Assim, se faz necessário, refletir sobre a presença desse profissional dentro escola para promover a acessibilidade comunicativa do aluno surdo. Diante dessa experiência, podemos

observar a contribuição do professor de Libras no processo de ensino e aprendizagem dos alunos surdos. O papel desse professor, contribui para a aquisição da Língua de sinais e do Português escrito e ainda auxiliam na disseminação da Libras dentro da escola.

## REFERÊNCIAS

ACORSI, Roberta. Inclusão (im) possibilidades para a Educação. In: Lopes, Maura Corcini e Faris, Elí Henn. Org. **Aprendizagem & inclusão: implicações curriculares**. Santa Cruz do Sul. EDUNIC. 2010.

BRASIL. Decreto nº 5626 de 22 de dezembro de 2005. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: [http://www.presidencia.gov.br/ccivil/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.presidencia.gov.br/ccivil/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm). Acesso em: 22. Set de 2020

BRASIL, Lei de Diretrizes. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, 2002.

BRASIL. Projeto de Lei do Senado nº 180, de 2004. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <<https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/68334>>. Acesso em: 23 set.2020.

FERRÃO, Cleomárcio Pereira; LOBATO, Huber Kline Guedes. **A inclusão do aluno surdo no ensino regular na perspectiva de professores do ensino fundamental**. In: diálogos sobre inclusão escolar e ensino-aprendizagem da Libras e Língua portuguesa como segunda língua para surdos. 2016. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/handle/prefix/1544> Acesso em: 13 de junho de 2020.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

MACHADO, Rosângela. **Educação inclusiva: revisar e refazer a cultura escolar**. In: MANTOAN, Maria Teresa Égler (Org.) O desafio das diferenças nas escolas. Petrópolis: RJ: Vozes, 2008.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práx. Educ.**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out. 2021. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2178-26792021000500060&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-26792021000500060&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 30 abr. 2024. Epub 25-Nov-2021. <https://doi.org/10.22481/praxisedu.v17i48.9010>.

PERLIN, Gladis.; MIRANDA, Wilson. Surdos: o narrar e a política. Florianópolis: Ponto de Vista, , n.5, 2003: 217-226.

QUADROS, Ronice Müller; Achmiedt, Magali L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, SEESP, 2006 p. 18.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

VILARONGA, C. A. R.; MENDES, E. G.. **Formação de professores como estratégia para realização do coensino.** *Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial*, v.4, n. 1, p. 19-32, 2017 - Edição Especial.